Árboles y Rizomas Vol. VII, Nº 1 (Enero-Junio, 2025): 144-162
Universidad de Santiago de Chile, ISSN 0719-9805
https://doi.org/10.35588/ayr.v7i1.7246

Inglês como língua franca: conceitos e práticas locais na Universidade Federal do Paraná

English as a lingua franca: local concepts and practices at the Federal University of Paraná

Nayara Stefanie Mandarino Silva[1] e Eduardo Henrique Diniz de Figueiredo[2]

Resumo

O Inglês como língua franca (ILF) é um assunto que vem sendo discutido em todo o mundo. Em acordo com o movimento de localizar o conhecimento, a partir do *ILF feito no Brasil*, olhamos para como o ILF é abordado no contexto da nossa instituição de educação, a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nesse sentido, objetivamos entender como as 55 pesquisas entre 2014 e 2024 desenvolvidas localmente na UFPR têm concebido e discutido ILF, a partir de uma revisão teórico-empírica realizada com análise de conteúdo. Os resultados indicam que, majoritariamente, os trabalhos engajam-se com perspectivas críticas que exploram ILF como espaço para questionar realidades e gerar movimentos de mudança.

Palavras-chave: Inglês como língua franca, conceitos, práticas, local.

Abstract

English as a lingua franca (ELF) is a topic that is being discussed worldwide. In line with the movement to localize knowledge, taking *ELF made in Brasil* as reference, we looked at how ELF is approached in the context of our educational institution, the Federal University of Paraná (UFPR). For such purpose, we aimed to understand how 55 studies developed locally at UFPR between 2014 and 2024 have conceived and discussed ELF, based on a theoretical-empirical review done through content analysis. The results indicate that, for the most part, the works engage with critical perspectives that explore ELF as a space to question realities and generate movements for change.

Keywords: English as a lingua franca, concepts, practices, local.

[1] Professora substituta na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Correo: nayaramandarino@ufpr.br ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4713-6242
[2] Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Correo: eduardo.diniz@ufpr.br ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6850-0122

Recibido: 25-03-2025 Aceptado: 01-05-2025

CC BY

Introdução

Discussões recentes na Linguística Aplicada têm destacado a importância de entender conceitos, teorias e práticas a partir de perspectivas locais (Diniz de Figueiredo e Martinez, 2021; Mignolo, 2000), em uma busca por problematizar a suposta universalidade do conhecimento, principalmente aquele produzido em contextos eurocêntricos. No Brasil, um dos esforços para trazer essa visão mais localizada do conhecimento diz respeito ao que Duboc (2019) e Duboc e Siqueira (2020) chamam de Inglês como Língua Franca *feito no Brasil*, *ILF feito no Brasil* ou ainda *ELF made in Brasil*.

De acordo com Duboc e Siqueira (2020), estudos sobre Inglês como Língua Franca (ILF) em contextos brasileiros têm sido permeados por visões que buscam ser críticas em seus entendimentos sobre concepções de língua/linguagem, práticas de ensino-aprendizagem de línguas (e não apenas de inglês) e leituras a respeito de ILF produzidas em outros contextos, principalmente aqueles do Norte global.

Para nós, entender essa natureza crítica e política, principalmente pelas lentes do ILF feito no Brasil, implica adentrar formas locais em que o inglês é concebido, entendido, vivido, ensinado e aprendido, para compreender como cada contexto tem feito sentido desta língua nomeada (Makoni e Pennycook, 2007) e de sua expansão global. Esforços nesse sentido já foram feitos em estudos realizados por Calvo e El Kadri (2011), Bordini e Gimenez (2014) e Peixoto e Siqueira (2019), por exemplo. No entanto, cremos que ainda há espaço para que outras lentes localizadas sobre o que se entende por ILF no contexto brasileiro sejam exploradas – particularmente lentes que busquem olhar para essas questões em contextos mais situados.

Assim, o presente estudo revisa a literatura sobre ILF produzida na Universidade Federal do Paraná (UFPR), um pólo nacional onde o estudo deste fenômeno tem sido abordado sistematicamente. Mais especificamente, olhamos para a literatura produzida entre 2014 e 2024, por entendermos que esse é o período em que compreensões *locais* sobre ILF passaram a ser traçados e compartilhados entre pesquisadores no contexto brasileiro de forma constante – ou seja, foi nesse período em que o ILF feito no Brasil começou a ganhar força.

Inglês como língua franca feito no Brasil

Considerando o ensino-aprendizagem de ILF a partir de perspectivas locais, Diniz de Figueiredo e Siqueira (2021) concebem *língua franca*, em termos simples: quando duas ou mais pessoas que não falam a mesma língua materna se encontram (na oralidade ou escrita), elas lançam mão de uma língua em comum para se comunicarem (que pode acabar sendo a língua materna de uma delas, mas não de todas). Tal concepção é a mesma proposta em estudos tradicionais sobre ILF e sobre outros temas na Linguística Aplicada como um todo (Jenkins, 2015).

Seguindo estudos recentes sobre translinguagem (Canagarajah, 2013), Diniz de Figueiredo e Siqueira (2021) problematizam a ideia de que pessoas realmente compartilham as mesmas línguas, aqui pensadas como línguas nomeadas, como português ou espanhol. Para os autores, falantes compartilham recursos linguísticos e semióticos que fazem parte de seus repertórios de vida (e não línguas nomeadas como tradicionalmente concebidas). Tal entendimento implica em compreender linguagem como "os vários modos semióticos (comunicação oral e escrita, imagens estáticas e em movimento, cores, sons além da fala, gestos, etc.) com os quais construímos e negociamos sentidos" (p. 29, tradução nossa). Mesmo assim, os autores reconhecem que o conceito de língua franca geralmente trata de línguas nomeadas, o que entendemos poder facilitar a compreensão e o trabalho docente.

ARBOLES Y RIZOMAS
CC BY

Diniz de Figueiredo e Siqueira (2021) discutem os motivos que levaram à discussão mais específica sobre o inglês como uma língua franca nos estudos da linguagem. A explicação apresentada por eles é de que isso se deve ao papel que a língua inglesa tem assumido em diversos encontros entre falantes de línguas distintas – em um nível de alcance não antes visto. ILF, portanto, se trata de um fenômeno em que uma língua nomeada passou a ter hipercentralidade (De Swaan, 2001) em encontros e transações internacionais.

Quando tal fenômeno passou a ser discutido amplamente por pesquisadores/as ao redor do mundo, ILF passou também a ser reconhecida como uma área de pesquisa nos estudos linguísticos. Tal área é principalmente associada ao trabalho de Jennifer Jenkins, que, em apreciações recentes sobre ILF (Jenkins, 2015), separou os estudos sobre o fenômeno em três fases distintas: ILF 1, com foco em questões estruturais que podem ou não afetar inteligibilidade entre falantes de inglês; ILF 2, que busca entender e discutir as maneiras através das quais falantes de inglês de diferentes contextos constroem e negociam sentidos; e ILF 3, que passa a olhar mais especificamente para o caráter translíngue de interações envolvendo ILF.

O que é interessante para Diniz de Figueiredo e Siqueira (2021) é que a posição específica da língua inglesa como uma língua franca presente em contextos diversos acabou por desafiar noções aceitas sobre o próprio conceito de língua e seu ensino. Tais noções incluem questões relacionadas ao que é ser falante nativo/a, a idealização deste/a falante, e a associação entre línguas e territórios. É importante também notar que a área de ILF como um todo acaba por dialogar fortemente com outros termos e perspectivas teóricas nos estudos da linguagem que olham para a expansão global do inglês e suas diversas faces – principalmente *World Englishes* , *Global Englishes* e *Inglês como Língua Internacional*.

Onde entra, então, a noção de ILF feito no Brasil? Por que ela importa? Para Autor et al. (2021b), o termo ELF feito no Brasil entende que ILF tem que ser concebido a partir de bases onto-epistemológicas que mostram a relação intrínseca entre linguagem, política e poder, com base nas Epistemologias do Sul. Ou seja, ILF feito no Brasil traz o componente político-crítico da linguagem para o cerne dos estudos sobre ILF, a partir do contexto brasileiro.

Como explicado por Jordão (2023), ILF feito no Brasil é, portanto, "uma visão local de como o inglês se manifesta no Brasil, com ênfase em seus impactos políticos, sociais e ideológicos" (p. 348, tradução nossa).

Assim, para Diniz de Figueiredo, Siqueira (2021), o conceito tem suas raízes na decolonialidade, buscando problematizar epistemes e imaginários que ainda persistem em diferentes formas de colonialidade. Desta forma, ILF feito no Brasil acaba por trazer novas camadas de entendimentos sobre o que seja língua, comunicação, conhecimento, ensino, aprendizagem, falante, dentre outros termos. Essas camadas buscam romper com as colonialidades do ser e do saber, tendo nos estudos decoloniais e nas epistemologias do Sul suas bases.

Trajetória de pesquisa

Nossa trajetória para a presente pesquisa seguiu os seguintes passos: seleção de estudos a serem revisados; categorização desses estudos com base no seu tema principal, como detalhado posteriormente; discussão de como esses estudos refletem entendimentos sobre ILF e ILF feito no Brasil. Iniciamos esta seção, porém, discutindo nosso lóci de enunciação, por entender que nossas interpretações sobre a literatura compilada é perpassada por quem somos e como vivenciamos a língua inglesa. Destacamos, nesse sentido, experiências com a língua inglesa que impactaram/influenciaram nossas compreensões de ILF e que, portanto, influenciam as formas como lemos a literatura aqui revisada.

Quem somos

Nayara e Eduardo são docentes do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR. A primeira, mulher cisgênero nordestina, lida como branca no nordeste, mas não em Curitiba, onde reside atualmente, é mestre em Letras pela UFPR. Sua história com a língua inglesa teve início quando cursava o ensino fundamental em uma escola pública de São Cristóvão, Sergipe. Seu interesse pela língua, porém, pouco se devia às aulas, mas ao seu gosto por músicas estadunidenses e canadenses - o que posteriormente passou a entender como relacionado à modernidade/colonialidade, a partir da qual a produção artística de certos países é imposta como universal e superior. Motivada pela vontade de cantar e entender as músicas de seus artistas favoritos, ela intensificou seu contato com a língua. Por isso, na escola, era conhecida por ter uma facilidade com a língua inglesa. Apesar de ter interesse em aprender inglês, não tinha vontade de participar das aulas dessa disciplina, que não eram situadas e voltadas a construções contingentes. As aulas eram dedicadas a explicações gramaticais e informações estereotipadas do que seria a cultura dos países anglófonos - em práticas alinhadas à orientação monolíngue, a qual coloca a língua como um sistema puro e separado de outros sistemas, ligada a uma lugar e uma cultura, o que explica o foco em gramática.

Seu interesse na língua e seu gosto por ensinar, evidente nos momentos em que se organizava com os colegas de turma para explicar assuntos das disciplinas, a levaram a escolher o curso de Letras. Foi nele que o contato com a língua inglesa foi intensificado, mas, diferente das experiências anteriores, as práticas eram mais contextualizadas e traziam consigo reflexões críticas, incluindo discussões sobre letramentos e ILF. Com a sua participação em ações como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Idiomas sem Fronteiras (IsF), passou a graduação pensando em como desenvolver aulas e cursos que se afastassem da orientação monolíngue e promovessem reflexões críticas, em processos de "ler, se lendo" (Menezes de Souza, 2011).

A atuação no IsF, especificamente, despertou seu interesse com relação à internacionalização e o papel da língua inglesa nesse processo. Esse assunto foi mais explorado na sua pesquisa de mestrado, na qual descobriu os entrelaçamentos entre o inglês e promessas modernas/coloniais e sua coexistência com a ideia de que o ensino-aprendizagem dessa língua seria uma oportunidade de questionar a própria modernidade/colonialidade. Sua pesquisa de mestrado exemplifica seu engajamento com discussões e reflexões sobre a língua inglesa: a autora busca investigar como a modernidade/colonialidade nos constitui, bem como as instituições e a organização de nossas vidas, assim como exercitar e imaginar possibilidades e alternativas à própria modernidade/colonialidade.

Eduardo, por sua vez, é doutor em Applied Linguistics, com experiência no ensino de língua inglesa desde 1998. Sua vivência com essa língua iniciou quando ainda era criança e passou a estudá-la em um instituto de idiomas próximo à casa de sua avó, no interior do estado da Paraíba. Após alguns anos nessa escola, o autor se mudou com sua família para o Reino Unido. Ao voltar para o Brasil 3 anos depois, o autor regressou à escola onde estudou inglês e lá iniciou sua trajetória como docente.

Após terminar o curso de Letras Inglês em seu estado natal, o autor iniciou seu mestrado em língua inglesa no sul do Brasil, de onde posteriormente (ainda durante o mestrado) partiu para lecionar English as a second language (ESL) para crianças no estado da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Neste, após 3 anos de experiência, o autor realizou seu doutorado, desta vez no estado do Arizona, que vivia, naquele momento, uma onda de conservadorismo contra a pluralidade linguística nas escolas e contra a imigração.

Durante o doutorado, Eduardo pesquisou as realidades docentes e de discentes que não tinham o inglês como primeira língua, em um estado marcado por preconceito linguístico e

ARBOLES Y RIZOMAS
cc BY

políticas restritivas. Também explorou discursos relacionados à expansão global do inglês e à globalização em seu país de origem. Após voltar ao Brasil, o autor passou a lecionar em um instituto federal, no sul do país, e posteriormente na UFPR, onde ainda leciona desde 2015.

As experiências relatadas fizeram com que o autor tivesse uma relação íntima mas questionadora com a língua inglesa. Ao chegar no Reino Unido, por exemplo, notou que as pessoas da cidade onde viveu (no nordeste do país), bem como de outras localidades, falavam de formas ininteligíveis para muitas pessoas vindas de localidades distintas. Tudo isso trouxe um questionamento sobre o fato de falantes nativos serem muitas vezes homogeneizados e postos em pedestais no Brasil. A realidade que o autor experienciou foi, na verdade, um momento de desconstrução do que era o falante nativo de inglês (Walesko, 2019), algo que ele leva em suas reflexões e práticas até hoje.

Isso não significa, porém, que esse questionamento era absoluto. Ao longo de seus primeiros anos como docente de línguas inglesa no Brasil, e de seus cursos de graduação e mestrado, Eduardo viveu uma tensão entre: sentimentos de orgulho de suas experiências fora do Brasil e de como elas tinham influenciado suas práticas em língua inglesa, por um lado; e o entendimento de que essa tal de língua inglesa era muitas vezes idealizada, tanto linguística como social e culturalmente. Tal tensão apenas aumentou quando o autor foi lecionar e depois estudar nos Estados Unidos, principalmente ao ver o quanto as experiências de seus/suas estudantes eram marcadas por suas raças – algo que até então ele não havia observado. Por mais que o docente tenha demorado a encarar tal racialização do ponto de vista da pesquisa e a compreendê-la de forma mais profunda, era visível para ele que as experiências de migrantes nos Estados Unidos – inclusive linguísticas – eram perpassadas por suas identidades enquanto latinos, asiáticos, africanos e europeus.

Toda essa história faz com que Eduardo tenha uma relação de tensão com a língua inglesa. Por um lado, ele sente que a língua o pertence e o constitui, pois faz parte de seus repertórios. Por outro, ele tem consciência de que sua história com a língua inglesa é uma de privilégio onto-epistêmico e social, devido às oportunidades que teve e tem de viver com ela, em suas práticas pessoais e profissionais. Tais privilégios perpassam os fatos do autor ser um homem cisgênero, lido como branco no contexto brasileiro, de classe média, com educação superior. Mesmo assim, em suas experiências com a língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos, ele passou a ter consciência de que muitos desses privilégios são relacionais, pois as formas em que ele é visto no Brasil podem ser diferentes em contextos distintos.

Uma das questões mais interessantes para o autor com relação a esses tensionamentos é que ele os leva para as disciplinas que ensina na graduação e pós-graduação. O autor sente que é nesses momentos, através de suas próprias narrativas em encontro com as histórias de seus/suas discentes, que ele pode ajudar a desconstruir visões tradicionais sobre a língua inglesa, bem como sobre seu ensino-aprendizagem.

Seleção de estudos

A seleção de estudos a serem revisados seguiu protocolo similar aos previamente utilizados para trabalhos da mesma natureza (Bordini e Gimenez, 2014). Assim, usamos os seguintes critérios de inclusão de literatura a ser analisada:

a) Tema: inglês como língua franca
b) Parâmetro cronológico: publicações entre 2014 e 2024
c) Termos usados para busca: “inglês como língua franca”/“English as a lingua franca”; “inglês como língua internacional”/“English as an international language”; “inglês

ARAR
CC BY

como língua global"/"English as a global language"; ingleses mundiais/"World Englishes"; ingleses globais/"global Englishes").

d) Fontes bibliográficas:

   i) foram buscados inicialmente trabalhos publicados por docentes do programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR que trabalham com a língua inglesa, a partir dos seus Currículos Lattes;
   ii) subsequentemente, nos casos de docentes em que trabalhos sobre ILF foram encontrados, optamos por encontrar também ex-orientandos/as que trabalharam com a mesma temática em suas teses e/ou dissertações (pelo Currículos Lattes);
   iii) ao encontrar esses/as ex-orientandos/as, passamos para a busca subsequente de trabalhos publicados por eles/as sobre a mesma temática (usando Currículos Lattes).

Análises dos estudos encontrados

Os trabalhos encontrados foram tabulados em uma planilha, onde foram inseridos seus metadados. Além disso, cada trabalho foi categorizado por tema principal, decidido inicialmente de forma individual por cada pesquisador/a e, posteriormente, em uma reunião de reorganização das categorias.

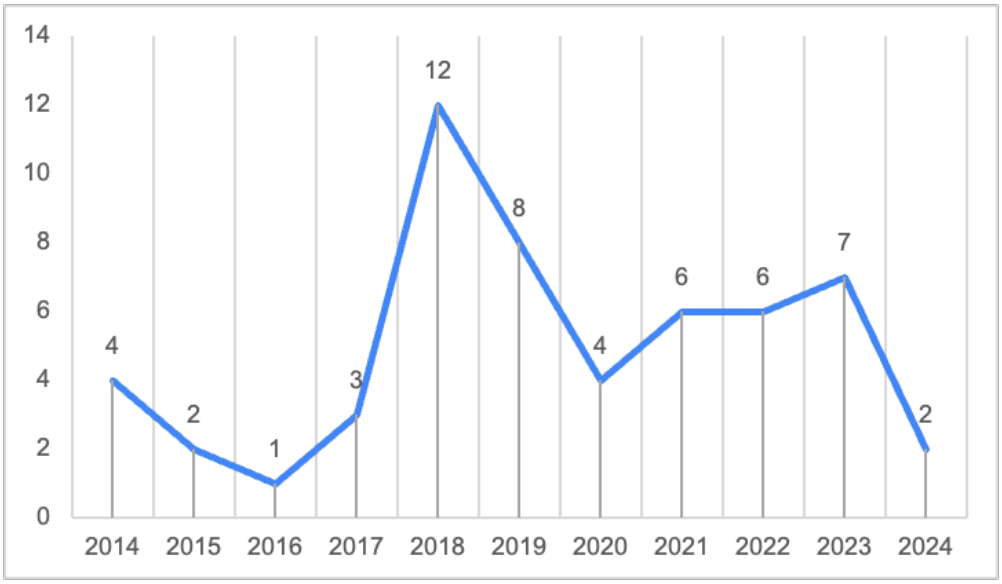
É importante notar que muitas vezes encontramos trabalhos que tinham mais de um tema, dentre os que usamos para nossas categorias. Nesses casos, optamos por categorizar o estudo apenas com um dos temas envolvidos – aquele que entendemos ser o tema principal da pesquisa.

ILF, by UFPR

Conforme discutem Bordini e Gimenez (2014), é muito recente a discussão acerca do ILF no Brasil, com as perspectivas dos diversos contextos brasileiros. Já em 2014, as autoras perceberam a necessidade de pesquisar o que vinha sendo produzido no país com relação a esse tema. Agora, em 2025, entendemos que, após um certo crescimento nas produções brasileiras, faz sentido pensar como o ILF vem sendo construído localmente, uma vez que compreendemos a iniciativa de localizar e situar o conhecimento como um exercício de resistência à universalização moderna/colonial, feita possível pelo apagamento do locus de enunciação e pelo posicionamento do pesquisador em um lugar inobservado, além do espaço e do tempo, ou, como Castro-Gómez (2007) o chama, a húbris do ponto zero. Nesse sentido, buscamos contribuir com esses esforços ao compartilhar como ILF vem sendo entendido no contexto da UFPR. Para isso, olhamos para a produção de docentes e discentes (previamente) vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras, especificamente na linha 3, Linguagens, culturas e identidades: ensino e aprendizagem.

Após o levantamento das pesquisas realizadas e a avaliação de sua relação com o objetivo e delimitação deste estudo, elas foram classificadas em categorias. Ao todo, foram encontrados 60 trabalhos, dos quais 55 foram selecionados, devido ao recorte temporal (5 dos textos datavam para antes de 2014 e não foram incluídos nos resultados). Para ver como os estudos estão distribuídos por ano, elaboramos o gráfico a seguir (Gráfico 1). Como pode ser observado, o ano com mais produções é o de 2018, com 12 trabalhos, seguido de 2019, com oito produções, e de 2023, com 7.

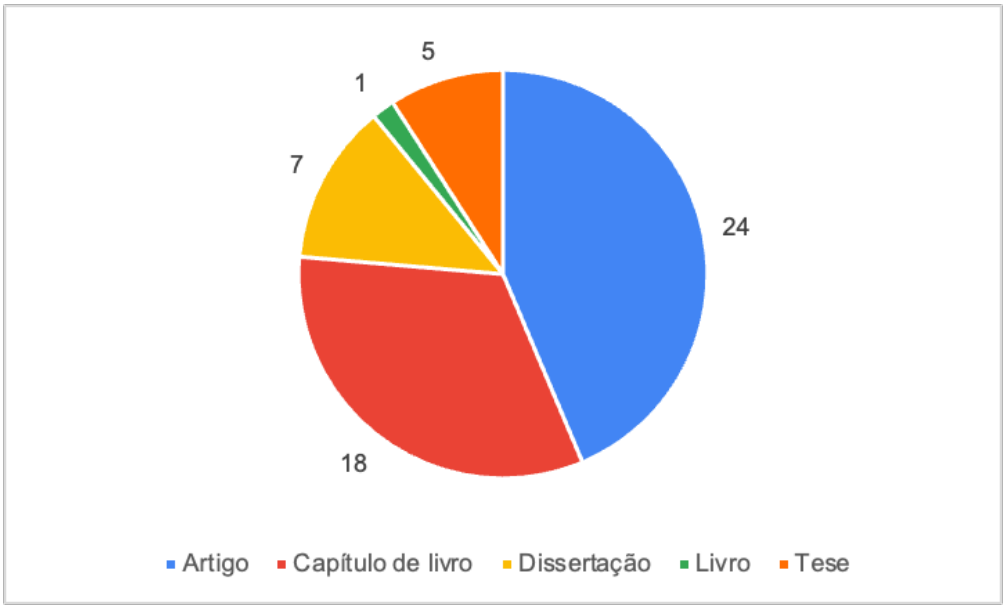
Gráfico 1. Distribuição de trabalhos por ano



Fonte: elaboração dos autores.

Além disso, os textos são diversos, incluindo artigos, livro e capítulos de livro, dissertações e teses, conforme o Gráfico 2. Os artigos são maioria, devido à possibilidade de publicações mais rápidas e números temáticos em revistas, enquanto trabalhos que requerem mais tempo para o seu desenvolvimento aparecem em menor quantidade, embora de forma expressiva. O único livro completo parte do recorte será discutido separadamente neste estudo, por conter diferentes capítulos relacionados a ILF, a partir de vários focos.

Gráfico 2. Tipos de trabalhos

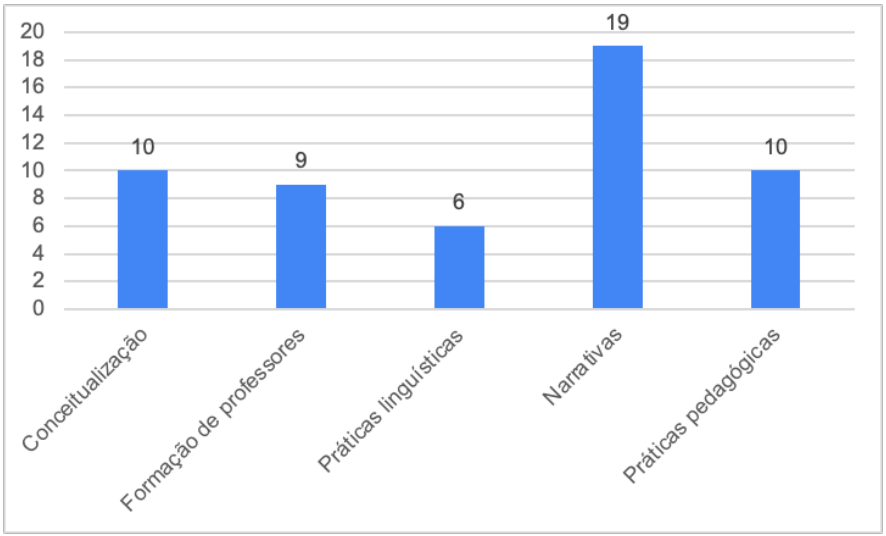


Fonte: elaboração dos autores.

Consideramos que cada um desses textos, apesar de se relacionarem com outros temas, poderiam ser colocados em uma categoria correspondente ao seu foco principal. As opções

eram, em ordem alfabética: conceitualização, formação de professores/as, narrativas, práticas linguísticas e práticas pedagógicas. O gráfico 3 a seguir mostra as categorias com mais recorrências:

Gráfico 3. Número de trabalhos por categoria



Fonte: elaboração dos autores.

Um dos trabalhos emergentes no levantamento, mas que, por ser uma coletânea com artigos de diversos focos, não poderia ser encaixado em apenas um dos grupos foi o livro "Devaneios em Atas: distopias teóricas nos multiletramentos e inglês como lingua franca" (Jordão et al., 2018). A obra reúne textos provenientes de reflexões desenvolvidas no grupo de pesquisa da UFPR Identidade e Leitura e revelam engajamentos com perspectivas críticas.

A seguir, discutimos o que entendemos por cada categoria e compartilhamos os trabalhos que fazem parte dela. É possível notar, porém, que as categorias que concentram mais textos são narrativas (19), práticas pedagógicas (10) e conceitualização (10). A discussão dos grupos, no entanto, ocorrerá em ordem alfabética.

Conceitualização

Nesse grupo, colocamos os textos que abordam o que é ILF ou discutem elementos relacionados a sua concepção (por exemplo, a decolonialidade como aspecto importante de entendimentos contemporâneos sobre ILF no Sul Global). Todos os trabalhos nessa categoria estão listados em ordem crescente (por ano de publicação) na Tabela 1.

Tabela 1. Trabalhos na categoria Conceitualização

Referência	**Resumo**
Jordão (2014)	Aborda definições dos termos língua franca, internacional, global, estrangeira e adicional em relação ao inglês, considerando suas implicações no ensino público brasileiro, a partir de referencial pós-estruturalista.

Pallú & Jordão (2014)	Situa discussões de ILF no contexto brasileiro, apontando as contribuições e concepções pensadas no país.
Walesko (2018)	Desconstrói a ideia de certo e errado no uso da língua, questionando perspectivas estruturais.
Diniz de Figueiredo (2018a)	Questiona a orientação monolíngue e estrutural de língua, propondo perspectivas mais localizadas. Questiona também o conceito de *ownership*, principalmente aquele atrelado exclusivamente a falantes nativos/as.
Jordão & Marques (2018)	Aborda como ILF pode promover mudanças ou questionar hábitos comuns na sala de aula de língua inglesa no Brasil, sugerindo o engajamento com a língua como espaço local de construção de sentidos.
Diniz de Figueiredo (2018b)	Revisa algumas teorias da globalização e explora conexões com modelos de *Global Spread of English* (GSE) na linguística aplicada, para entender o papel do inglês no Brasil e em outros contextos.
Haus (2019)	Busca estabelecer relações entre ILF e a abordagem translíngue para lidar com a fluidez das interações para fortalecer práticas de ensino e formação de professores/as.
Jordão (2019)	Define epistemologias do Sul, a partir de obras dos autores Viveiros de Castro e Boaventura de Souza Santos, para repensar língua/linguagem.
Guerrero Nieto et al. (2022)	As autoras abordam e situam o projeto de levar a decolonialidade para o ILF.
Jordão (2023)	Trata da modernidade/colonialidade, propondo que ELF feito no Brasil é uma possibilidade para resistir a ela.

Fonte: elaboração dos autores.

De forma geral, os textos nessa categoria tentam situar o ILF, seja em contextos brasileiros ou globais, buscando romper com perspectivas monolíngues que concebem a língua como um sistema neutro e universal. Nesse sentido, podemos aproximar o ILF, como conceituado pelos trabalhos listados, como resultante de um processo de *epistemofagia*, como explica Jordão (2011),

> O termo epistemofagia, cunhado na combinação entre epistemologia e antropofagia, alude à digestão de significados diferentes e de suas maneiras de existir, numa mistura entre o que foi devorado e aquela que devorou, resultando num hibridismo que permite a formação de perspectivas novas de caráter múltiplo e a criação de processos diferentes de compreensão. (p. 182)

As conceitualizações de ILF, com isso, incorporam outras práxis e concepções. Destacam-se a decolonialidade, as perspectivas pós-estruturalistas e a translinguagem, a partir das quais ILF é tido como uma oportunidade para romper com o monolinguismo e promover reflexões críticas e afastamentos da modernidade/colonialidade. Ao mesmo tempo, o conceito de ILF, inicialmente pensado para falar do inglês como língua de comunicação universal para pessoas que não compartilham uma outra língua (Seidlhofer, 2011), é devorado e ressignificado

pelos educadores e educadoras nos diferentes contextos do Brasil, que fazem ILF nas suas realidades.

Formação de professores/as

Essa categoria, na Tabela 2, inclui textos que têm, como seu principal tema, as implicações de ILF para a formação docente.

Tabela 2. Trabalhos na categoria Formação de professores/as

Referência	**Resumo**
Diniz de Figueiredo & Sanfelici (2017)	Compartilha a experiência no desenvolvimento de um curso de formação de professores/as, Culturas Anglófonas, que visou desconstruir os conceitos de *cultura* e do que seja *anglófono*.
Halu & Fogaça (2018)	Diálogo entre os autores sobre como a expansão do inglês impacta as atitudes e práticas pedagógicas de docentes em cursos de Letras.
Fernandes (2019)	Aborda o mito do "falante nativo" de inglês e seu impacto na formação de professores/as no Brasil, além de analisar a globalização a partir da perspectiva do Brasil e sua relação com o ensino de inglês.
Marson (2019)	Investiga a formação de professores/as de inglês em uma universidade pública brasileira, analisando práticas a partir dos multiletramentos, do ILF e da translinguagem.
Walesko (2019)	Investiga como a crença no "falante nativo" de inglês influencia a formação de professores/as na UFPR.
Diniz de Figueiredo & Siqueira (2021)	Discute compreensões do que é ILF e aborda como o ensino a partir dessa perspectiva pode ocorrer.
Diniz de Figueiredo (2021)	Aborda a questão da avaliação na formação de professores/as, considerando a língua inglesa na globalização e as implicações de seu estatuto para a avaliação da escrita.
Walesko (2022)	Reflete sobre como formar professores/as críticos, considerando o mito do falante nativo.
Diniz de Figueiredo et al. (2023)	Aborda ILF na formação de professores/as, considerando o mundo virtual e suas possibilidades para explorar as transformações locais do inglês.

Fonte: elaboração dos autores.

Os trabalhos nessa categoria abordam ILF com relação a formação de professores/as, com foco em diferentes questões, como o mito do falante nativo, a abordagem da cultura, o entendimento de língua e as práticas docentes. De forma geral, há uma orientação crítica, com questionamentos e propostas que buscam afastamento de concepções estruturais e "neutras" de língua.

Narrativas

Essa categoria, na Tabela 3, apresenta textos que discutem visões de discentes/docentes sobre ILF e/ou algum/ns de seus aspectos. Incluímos trabalhos que tratam de crenças e perspectivas por entendermos que elas são compartilhadas por meio de narrativas, isto é, "as experiências tornam-se narrativas quando as contamos a uma audiência" e as histórias que contamos podem ser "sobre nossas experiências de vida; o significado que damos aos eventos que vivemos ou imaginamos em nossas vidas futuras" (Barkhuizen, 2016, p. 4, tradução nossa)[3].

Tabela 3. Trabalhos na categoria Narrativas

Referência	**Resumo**
Diniz de Figueiredo (2017)	Investiga como dez professores/as brasileiros de inglês concebem a língua, para analisar como esses discursos são adotados e reproduzidos.
Haus (2017)	Busca investigar percepções de quatro alunos do Centro de Línguas da UFPR sobre ILF e suas implicações pedagógicas para identificar suas representações sobre o inglês.
Haus (2018)	Investiga crenças de professores brasileiros sobre pronúncia no ensino de disciplinas em inglês (EMI) em uma universidade pública, com base nos preceitos do ILF.
Sanfelici & Figueiredo (2018)	Investiga a formação de professores/as de inglês com docentes que participaram de um curso de língua e cultura em 2012, em um estado do norte do Brasil.
Santos & Marson (2018)	Investiga compreensões de graduandos de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Ponta Grossa sobre o uso de ILF, abordando concepções de linguagem, prática docente e formação de professores/as nesse contexto.
Haus (2018)	Investiga crenças e práticas de professores/as do CELIN, observando relações delas com ILF.
Santistevan (2019)	Analisa como a crença na superioridade de professores/as nativos influencia duas turmas de um curso de inglês em Curitiba.
Campos (2019)	Analisa perspectivas de duas professoras em um curso de inglês, a partir das lentes do ILF.
Albuquerque & Haus (2020)	Conversa com professores/as para perceber suas percepções e investigar a possível práxis pela perspectiva do ILF.
Galor (2020)	Investiga percepções de alunos/as do CELIN sobre ações pedagógicas desenvolvidas a partir da perspectiva do ILF.
Schmicheck (2020)	Trabalha com autonarrativas para pensar o significado de ILF na formação de professores/as.

[3] "Experiences become narratives when we tell them to an audience […] about our experiences of life; the meaning we make of the events we live or imagine in our future lives." (Barkhuizen, 2016, p. 4).

Bim (2020)	Investiga percepções de docentes de instituições de ensino superior e profissional sobre a possibilidade de trabalhar a partir das lentes do ILF e do inglês para fins específicos.
Schmicheck & Silva (2021)	Investiga percepções de alunos/as sobre seus próprios processos de aprendizagem com relação ao ILF.
Rossini (2021)	Estuda crenças sobre pronúncia de alunos/as de um centro de língua em Curitiba, PR, considerando o papel do inglês como língua internacional.
Kluge & Diniz de Figueiredo (2021)	Observa percepções de alunos/as de Letras em formação sobre pronúncia, considerando espaços para transgressão a partir da perspectiva do ILF.
Marson & Jordão (2022)	Analisa percepções de licenciados/as e professores/as de língua inglesa sobre três temas: multiletramentos, ILF e práticas translingues.
Schmicheck (2023)	Aborda possibilidades de ativismo pedagógico a partir do trabalho com ILF nas aulas de inglês.
Martinez (2023)	Analisa narrativas de experiências de observadores de aulas de inglês sob as lentes do ILF.
Jordão & Schmichek (2023)	Olha para narrativas de professoras/as de inglês, considerando engajamentos com ILF, entendido como possibilidade de ativismo na sala de aula.

Fonte: elaboração dos autores.

Os trabalhos na categoria Narrativas entendem a grande diversidade de perspectivas acerca dos entendimentos dos aspectos da prática docente a partir do ILF e se propõem a investigar e dialogar com essas compreensões, contadas a partir de narrativas. Essas narrativas são provenientes de diversos caminhos de pesquisa, como figuras, aulas, entrevistas e questionários e focam em pontos específicos relacionados a ILF, como a pronúncia, a perspectiva de língua ou outras experiências vividas no processo de praticar a língua inglesa socialmente. Destaca-se também a exploração das crenças na possibilidade de prática do ILF para propósitos críticos, como ativismo e reflexões sobre desigualdades, relações de poder e diferenças coloniais.

Práticas linguísticas

Essa categoria inclui os textos que apresentam, como foco, diferentes formas e contextos em que o inglês está presente nas práticas linguísticas de falantes/escritores diversos. Eles podem ser consultados na Tabela 4.

Tabela 4. Trabalhos na categoria Práticas linguísticas

Referência	**Resumo**
Becker & Kluge (2014)	Testa a inteligibilidade de usos da língua inglesa por pessoas de diferentes nacionalidades em atividades de escuta desenvolvidas com alunos/as da graduação em letras em uma universidade do sul do Brasil.

Becker (2014)	Explora possibilidades de compreensão da língua inglesa no mundo globalizado.
Diniz de Figueiredo (2015)	Explora como o inglês é concebido e praticado no movimento cultural brasileiro Manguebeat.
Becker & Kluge (2015)	Testa a inteligibilidade de ouvintes brasileiros expostos a usos do inglês por pessoas de diferentes nacionalidades.
Martinez (2018)	Analisa um corpus de revistas acadêmicas, comparando o uso da língua inglesa por falantes nativos e não-nativos para identificar padrões. Traz um retrato de como construções anteriormente rejeitadas por periódicos internacionais têm sido cada vez mais aceitas.
Diniz de Figueiredo (2023)	Analisa o uso humorístico e irônico da língua inglesa nos nomes de marcas e na conta do Instagram de uma página de humor brasileira.

Fonte: elaboração dos autores.

Há alguns trabalhos nessa categoria que parecem estar mais próximos a compreensões de ILF das fases ILF 1 e 2 propostas por Jenkins (2015). Por exemplo, em Becker e Kluge (2014), Becker (2014), Becker e Kluge (2015), ILF se relaciona à definição de Seidlhofer (2011), e temos a busca por questões de inteligibilidade com base em preceitos mais linguísticos. As autoras se propõem a pensar a questão da compreensão da fala de pessoas não-nativas da língua, o que parece indicar que a diferença no uso da norma padrão pode interferir na inteligibilidade. Essa perspectiva parece se aproximar da noção de língua como um sistema, com gramática e regras cuja quebra ou mudança pode impedir a compreensão. Martinez (2018), por sua vez, explora a dicotomia nativo e não-nativo e entra na discussão acerca das variações no uso da língua inglesa. Esses trabalhos, nesse sentido, têm um olhar debruçado mais especificamente para questões estruturais, o que era mais comum à época em que foram desenvolvidos (inclusive no Brasil).

Práticas pedagógicas

Nessa categoria, estão os textos que tematizam implicações pedagógicas do ILF, conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 5. trabalhos na categoria Práticas pedagógicas

Referência	**Resumo**
Jordão (2018)	Compartilha a experiência desenvolvida em um projeto de extensão com foco em construções identitárias e na desconstrução de concepções de língua modernas/coloniais.
Campos (2018)	Aborda o processo de mudança identitária das autoras após desenvolverem aulas com uma turma do curso de Letras sob a perspectiva do ILF.
Galor & Haus (2019)	Compartilha experiências pedagógicas no CELIN que foram desenvolvidas a partir dos preceitos do ILF.
Haus (2021)	Reflete criticamente sobre avaliação a partir da perspectiva do ILF.

Haus & Schmicheck (2022)	Compartilha uma experiência no CELIN com uma proposta de avaliação alternativa às práticas hegemônicas de avaliação.
Sanchez (2022)	Discute atividades elaboradas pela autora para o contexto da escola pública, ouve professores da escola pública sobre questões como ILF e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, a partir do feedback, propõe mudanças nessas atividades.
Campos & Carazzai (2022)	Reflete sobre a integração do ILF no conjunto de materiais didáticos usados em disciplinas de formação de professores de letras nos quais as autoras atuam.
Haus (2023)	Problematiza a avaliação e busca imaginar alternativas em direção a decolonização da avaliação.
Haus & Jordão (2024)	Propõe uma avaliação alternativa, refletindo sobre a utopia e a realidade da avaliação na sala de aula de língua inglesa.
Haus (2024)	Reflete sobre avaliação e analisa uma prática de avaliação nas aulas de inglês.

Fonte: elaboração dos autores.

Os trabalhos nesse grupo refletem sobre experiências com o ILF na sala de aula e/ou propõem atividades e materiais a partir da perspetiva do ILF. Destaca-se aqui, pela recorrência, a questão da avaliação, pensada especialmente a partir de experiências em centros de línguas. De modo geral, porém, os trabalhos estão conectados por se engajarem com a perspectiva de ILF ligada a translinguagem e decolonialidade e pelo exercício de pensar a prática pedagógica como espaço para reflexões críticas.

Considerações finais

Considerando a importância de pensar sobre a construção de conhecimento de forma local, esta pesquisa buscou investigar como o ILF vem sendo pensado na UFPR. Nota-se o engajamento com perspectivas críticas, a partir das quais o ILF é visto como espaço para refletir sobre e questionar noções hegemônicas da língua e do mundo, o que se assemelha ao movimento de ILF feito no Brasil. Língua, nesse cenário, é entendida como prática social localizada e comunicação, portanto, é pautada na diferença, o que requer negociação. É frequente, nos estudos, o entrelaçamento do ILF com outras discussões como os multiletramentos, a translinguagem e a decolonialidade, em uma busca por rompimento com noções estruturais, monolíngues e modernas/coloniais. É importante notar que há estudos, publicados entre 2014 e 2018, que entendem o ILF de formas mais estruturais, o que é compreensível, principalmente

ARBOLES Y RIZOMAS
CC BY

quando se leva em conta o período de sua publicação. De modo geral, as pesquisas aqui revisadas apontam para um amadurecimento do conceito de ILF e para uma busca por entendê-lo a partir de noções ligadas à decolonialidade e ao Sul global, o que se assemelha a outros contextos brasileiros e difere da literatura internacional mais amplamente. Ressaltamos a importância de haver mais estudos como o que apresentamos aqui, para termos uma noção mais ampla de como diferentes contextos (principalmente no Brasil) têm olhado para ILF e suas implicações.

Referências

Albuquerque, M. e Haus, C. (2020). Decolonialidade e inglês como língua franca: Diálogos com professores brasileiros. *Cadernos do IL*, *61*, 181–208. https://doi.org/10.22456/2236-6385.103202

Barkhuizen, G. (2016). Narrative approaches to exploring language, identity and power in language teacher education. *RELC Journal*, *47*(1), 25-42. https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0033688216631222

Becker, M. e Kluge, D. (2014). Intelligibility of English as a lingua franca (ELF): Perception by speakers of Brazilian Portuguese. *Concordia Working Papers in Applied Linguistics-COPAL*, *5*, 50-57.

Becker, M. (2014). Globalização, inglês como língua franca e inteligibilidade. In A. Brawerman-Albini, M. L. C. Gomes (Eds.), *O jeitinho brasileiro de falar inglês* (pp. 223-238). Pontes Editores.

Becker, M. e Kluge, D. (2015). Frequência de uso de item e inteligibilidade do inglês como Lingua Franca. *Organon*, *30*, 153-173.

Bim, P. (2020) *Inglês para fins específicos e inglês como língua franca sob a visão de professores de instituições de ensino superior e profissional* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Bordini, M. e Gimenez, T. (2014). Estudos sobre inglês como língua franca no Brasil (2005-2012): Uma metassíntese qualitativa. *Signum: Estudos da Linguagem*, *17*(1), 10–43. https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17389

Calvo, L. e El Kadri, M. (2011). Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços. In T. Gimenez, L. Calvo, e M. S. El Kadri (Eds.), *Inglês como língua franca*: ensino-aprendizagem e formação de professores (pp. 17-44). Pontes Editores.

Campos, A. (2018). (Re)construção identitária e inglês como língua franca: Uma experiência em meio à prática pedagógica. In L. S. Oliveira e R. A. de Boer (Eds.), *Professores(a) de línguas em uma perspectiva crítica: Discursos, linguagens e identidades* (pp. 173-196). Pontes Editores.

Campos, A. (2019). *O Ensino de inglês como língua franca: Perspectivas docentes em contexto* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Campos, A. R. e Carazzai, M. (2022). Integração de ILF - inglês como língua franca - na sala de aula de língua inglesa do curso de letras: Uma análise do material didático. In A. R. Prestes, C. Tullio, A. R. Campos, E. Alves & R. Souza (Eds.), *Ensino e Formação docente em pauta: Diálogos e perspectivas em Letras* (pp. 125-136). Texto e Contexto.

Canagarajah, S. (2013). *Translingual practice*: *Global English and cosmopolitan relations*. Routledge.

Castro-Gómez, S. (2007). Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In S. Castro-Gómez, & R. Grosfoguel. (Eds.), *El giro decolonial*: *Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 63-77). Siglo del Hombre Editores.

De Swaan, A. (2001). *Words of the world*: *The global language system*. John Wiley & Sons.

Diniz de Figueiredo, E. H. (2015). English identity and Manguebeat in Brazil. *World Englishes*, *34*, 456-470. https://doi.org/10.1111/weng.12152

Diniz de Figueiredo, E. H. (2017). Conceptualizations of English in the discourses of Brazilian language teachers: Issues of mobility, empowerment and international ownership. *English Today*, *33*(2), 31–37 https://doi.org/10.1017/S0266078416000602

Diniz de Figueiredo, E. H. & Sanfelici, A. (2017). Addressing Culture from an EIL Perspective in a Teacher Education Course in Brazil. In A. Matsuda (Org.). *Preparing Teachers to Teach English as an International Language* (pp. 149-158). Multilingual Matters.

Diniz de Figueiredo, E. H. (2018a). Afinal, de quem é essa língua? In C. M. Jordão et al., (Org.), Devaneios em atas: distopias teóricas nos multiletramentos e inglês como lingua franca (pp. 119-137). Pontes.

Diniz de Figueiredo, E. H. (2018b). Globalization and the global spread of English: Concepts and implications for teacher education. In T .Gimenez et al., (Org.), *English as a Lingua Franca in Teacher Education A Brazilian Perspective* (pp. 31-52). De Gruyter.

Diniz de Figueiredo, E. H. (2021). Writing assessment through a Global Englishes lens. In: , A. F. Selvi & B. Yazan (Org.), *Language Teacher Education for Global Englishes: A Practical Resource Book* (pp. 230-235). Routledge.

Diniz de Figueiredo, E. H., & Martinez, J. (2021). The locus of enunciation as a way to confront epistemological racism and decolonize scholarly knowledge. *Applied Linguistics*, *42*(2), 355-359. https://doi.org/10.1093/applin/amz061

Diniz de Figueiredo, E. H. & Siqueira, S. (2021). How can we teach English as a lingua franca locally?. In: R. Silveira & A. Gonçalves. (Org.), *Applied Linguistics Questions and Answers: Essential Readings for Teacher Educators* (pp. 26-53). Universidade Federal de Santa Catarina.

Diniz de Figueiredo, E. H. (2023). Writing back in humorous appropriations of English in Brazil. *World Englishes*, *42*(2), 202-213. https://doi.org/10.1111/weng.12530

Diniz de Figueiredo, E. H., Porfirio, L. & Siqueira, S. (2023). VELF in pre-service teacher education: Insights from Brazilian ELT. In I. Pineda & R. Bosso (Org.), *Virtual English as a Lingua Franca* (pp. 215-236). Routledge.

Duboc, A. (2019). Falando francamente: Uma leitura bakhtiniana do conceito de inglês como língua franca no componente curricular língua inglesa da BNCC. *Revista da ANPOLL*, *1*, 10-22. https://doi.org/10.18309/anp.v1i48.1255

Duboc, A. & Siqueira, S. (2020). ELF feito no Brasil: Expanding theoretical notions, reframing educational policies. *Status Quaestionis: Language, Text, Culture*, *19*, 297-331. https://rosa.uniroma1.it/rosa03/status_quaestionis/article/view/17135

Fernandes, A. (2019). Teaching English to undergraduate students in a Brazilian university: Thinking glocally. In M. Guilherme & L. M. T. Menezes de Souza (Eds.), *Glocal languages and critical intercultural awareness*: *The south answers back* (pp. 207-227). Routledge.

Galor, A. & Haus, C. (2019). O ensino de inglês como língua franca: Um relato de práticas. *Percursos Linguísticos (UFES)*, *9*, 254-274.

Galor, A. (2020). *Crenças, objetivos e usos de inglês de alunos do CELIN-UFPR sob uma perspectiva do Inglês como Língua Franca* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Guerrero Nieto, C. et al. (2022). Decoloniality in ELT: A political project. *Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura*, *27*(3), 586–594.

Halu, R. & Fogaça, F. (2018). A expansão da língua inglesa e seu impacto nos professores universitários de inglês em cursos de letras: Um diálogo reflexivo. *Revista X*, *13*, 1-14.

Haus, C. (2017). Inglês como língua franca: Objetivos e crenças de aprendizes brasileiros do Celin. *Cadernos do IL*, *52*, 231–251.

Haus, C. (2018). Crenças de professores brasileiros de EMI sobre pronúncia. *Revista X*, *13*, 123-143.

Haus, C. (2018). *Ensino de pronúncia sob a perspectiva do inglês como língua franca: Crenças e práticas de professores do CELIN-UFPR* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Haus, C. (2019). Inglês como língua franca e prática translíngue: Uma perspectiva possível. *Versalete*, *7*, 51-71.

Haus, C. (2021). "Is it a test of marking x": Identificando e interrogando a colonialidade na avaliação no ensino de inglês. *Caminhos em Linguística Aplicada*, *25*, 144-164. https://periodicos.unitau.br/caminhoslinguistica/article/view/3288

Haus, C. (2023). Problematizando a avaliação no ensino de língua inglesa: uma transcriação. In A. C. S. de M. Brahim et al. (Ed.), *Decolonialidade e Linguística Aplicada* (pp. 141-164). Pontes Editores.

Haus, C. (2024). *Reframing assessment as dialogical reflexivity in English language teaching* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Haus, C., e Jordão, C. (2024). "A prova é no mundo real": Uma avaliação da aprendizagem de línguas entre a realidade e a utopia. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, *24*(3), e45922. https://doi.org/10.1590/1984-6398202445922

Haus, C. & Schmicheck, J. (2022). Learning for or learning with: Avaliar se Avaliando for an ELT assessment otherwise. *Íkala, Revista De Lenguaje Y Cultura*, *27*(3), 764–782.

Jenkins, J. (2015). Repositioning English and multilingualism in English as a lingua franca. *Englishes in Practice*, *2*(3), 49–85.

Jordão, C. (2011). *A educação literária ao lado dos anjos*: *Por uma atitude epistemológica transformadora das relações de poder-saber na sala de aula*. Blucher Acadêmico.

Jordão, C. (2014). ILA - ILF - ILE - ILG: quem dá conta?. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, *14*, 13-40. https://doi.org/10.1590/S1984-63982014000100002

Jordão, C. (2018). Intelligibility, mimicry and internationalization. In K. Murata (Ed.), *English-Medium instruction from an English as a lingua franca perspective* (pp. 32-45). Routledge.

Jordão, C. (2019). Southern epistemologies, decolonization, English as a lingua franca: Ingredients to an effective applied linguistics potion. *Waseda Working Papers in ELF*, *8*, 33-52.

Jordão, C. (2023). A case for ELF feito no Brasil. *ELT Journal*, *77*(3), 348–356. https://doi.org/10.1093/elt/ccad006

Jordão, C. & Marques, A. (2018). ELF and critical literacy in teacher education: Shaking off some 'good old' habits. In T. Gimenez, M. El Kadri, & L. Calvo (Eds.), *English as a lingua franca in teacher education: A Brazilian perspective* (pp. 53-68). De Gruyter.

Jordão, C., Marson, I., e Franco, Z. (Eds.). (2018). *Devaneios em atas*: *Distopias teóricas nos multiletramentos e inglês como lingua franca*. Pontes Editores.

Jordão, C. e Schmichek, J. (2023). Ativismo otherwise e ELF feito no Brasil: Um patchwork de narrativas autobiográficas de professoras de inglês. In I. T. Hashiguti et al., (Org.), *Transculturalidade, linguagem e educação*: *Diálogos e (re)começos* (pp. 315-332). Pontes Editores.

Makoni, S. & Pennycook, A. (2007). Disinventing and reconstituting languages. In S. Makoni, & A. Pennycook (Eds.), *Disinventing and reconstituting languages* (pp. 1-41). Multilingual Matters.

Marson, I. (2019). *Multiliteracies, translingual practice and English as a lingua franca*: *Decolonizing teacher education in a public university in Brazil* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Marson, I. & Jordão, C. (2022). Multiliteracies, English as a lingua franca and translingual practices: Opening Pandora's box. *Muitas Vozes*, *11,* 1-19.

Martinez, M. (2023). *Re-signifying the subject positions of the observers*: *The narrated experiences of ELT class observers in Colombia* [Tese de Doutorado, Universidad Distrital Francisco José de Caldas]. Biblioteca da Universidad Distrital Francisco José de Caldas.

Martinez, R. (2018). "Specially in the last years": Evidence of ELF and non-native English forms in international journals. *Journal of English for Academic Purposes*, *33*, 40-52. https://doi.org/10.1016/j.jeap.2018.01.007

Menezes de Souza, L. M. (2011). O professor de inglês e os letramentos no século XXI: Métodos ou ética? In C. Jordão, J. Martinez, e R. Halu. (Eds.), *Formação (des)formatada*: *Práticas com professores de língua inglesa* (pp. 279-303). Pontes Editores.

Mignolo, W. (2000). *Local histories/global designs*: *Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton University Press.

Pallú, N. & Jordão, C. (2014). English as a global lingua franca in Brazil. *SPELT Quarterly Journal*, *29*, 2-19.

Peixoto, R. & Siqueira, S. (2019). Inglês como língua franca: Breve panorama da produção científica de um campo de estudos plenamente consolidado. *Polifonia*, *26*(43), 209-234.

Rossini, C. (2021). *Ensino de pronúncia e inglês como língua internacional: Crenças de professores e alunos brasileiros em um centro de idiomas* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Sanchez, G. (2022). *Inglês como língua franca e a produção de atividades didáticas para o Ensino Fundamental na escola pública para sala de aula* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Santistevan, M. (2019). *Crenças sobre native speakerism em uma escola livre de língua inglesa na cidade de Curitiba* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Santos, B. e Marson, I. (2018). Inglês como língua franca: O que pensam os futuros professores de uma universidade do Paraná. *Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, *4*, 331-348.

Seidlhofer, B. (2011). *Understanding English as a lingua franca*. Oxford University Press.

Schmicheck, J. (2020). *Weaving ELF feito no brasil and autobiographical narratives in teacher education* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Schmicheck, J. & Silva, A. (2021). Drawing the s(elf): Exploring individual repertories through autobiographical illustrations within the English as a lingua franca perspective. *Revista X*, *16*(2), 409–436. https://doi.org/10.5380/rvx.v16i2.77286

Schmicheck, J. (2023). Autobiographies, ELF feito no Brasil and pedagogical activism in the ELT classroom. In D. A. Hibarino, E. H. D. Figueiredo, P. Cerdeira, & M. Nogas (Eds.), *Tempos para (re)existir e decolonizar na Linguística Aplicada* (pp. 185-204). Pontes Editores.

Walesko, A. (2018). Don't ... let it pass! Make it normal!. In C. Jordão, I. Marson, e Z. Franco (Eds.), *Devaneios em atas*: *Distopias teóricas nos multiletramentos e inglês como língua franca* (pp. 139-150). Pontes Editores.

Walesko, A. (2019). *Formação inicial e o mito do 'falante nativo': Construções identitárias de professores de inglês em uma comunidade de prática* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca da UFPR.

Walesko, A. (2022). The non-native label: Identidade e criticidade na formação inicial de professores de línguas. In F. Fogaça, R. Halu, e K. Silva (eds.), *Criticidade e educação linguística*: *Experiências e práticas em contextos (super)diversos* (pp. 77-100). Pontes Editores.